



Evolução gráfica na imprensa maranhense: estudo de caso sobre a programação visual de O Imparcial e de O Estado do Maranhão (2006)¹

Ingrid Pereira de ASSIS²

Ludimila dos Santos MATOS²

José FERREIRA JUNIOR³

Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Resumo

Uma análise dos documentos de processo das transformações gráficas e textuais dos principais periódicos maranhenses. Este trabalho concentra-se na identificação do uso da capa-cartaz e da migração do *lead* para a capa nos diários maranhenses. Para isso, utiliza como objetos de estudo os jornais O Imparcial e O Estado do Maranhão onde se podem identificar os contornos construtivos da capa-cartaz e da migração do *lead* na produção local partir de 1996. Nesse período, o jornal O Imparcial passa por uma reforma gráfica baseada na reformulação do Correio Brasiliense, que, assim como O Imparcial, pertence à cadeia dos Diários Associados. A metodologia utilizada foi a da Crítica Genética, ou análise do processo de produção, de origem Semiótica, na qual os procedimentos investigativos buscam compreender o percurso até a obtenção de um produto final.

Palavras-chave: Processo de criação; Design Gráfico; Jornalismo.

1 INTRODUÇÃO

A capa-cartaz foi um artifício adotado pelo Correio Brasiliense quando havia notícias impactantes, de grande repercussão popular. Consiste em dispor os elementos visuais e textuais em dimensões ampliadas, de forma a ocupar, quase completamente, a capa de um periódico. Quando apresentam elementos verbais (o que pode não ocorrer em alguns casos, sendo que aí apenas a imagem já transmite a notícia), normalmente são frases de efeito.

1. Trabalho apresentado no GT - Iníciacom do X Congresso de ciências da Comunicação na Região Nordeste.

2. Graduanda em Comunicação Social – Hab. Jornalismo na Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

3. Prof. Dr. em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).



O texto jornalístico, por sua vez, também foi sofrendo transformações. Com a correria do dia-a-dia, as pessoas têm menos tempo de ler jornais inteiros. O início do texto migrou da parte interna do jornal para a capa, segundo o modelo piramidal dos americanos para atrair um leitor cada vez mais dinâmico.

Essas modificações sofridas pelo Correio Braziliense influenciaram O Imparcial a seguir esse mesmo modelo. Vale ressaltar que ambos participavam da cadeia dos Diários Associados, o que contribuiu para a essas transformações.

Por sua vez, o jornal O Estado do Maranhão, que compete acirradamente com O Imparcial para obter o maior percentual de leitores, apresentou, em 2006, um *layout* mais sóbrio e pouco dado a grandes transformações. Ainda assim, neste período, ele passou por uma reformulação gráfica que o deixou com maior atratividade e modernidade em comparação ao *layout* anterior.

Para desenvolver esta pesquisa, que utiliza o método genético, fez-se necessário coletar pelo menos uma capa mensal dos jornais O Estado do Maranhão e O Imparcial, para então iniciar a investigação sobre a migração do *lead* e da utilização da capa-cartaz no ano de 2006.

O método genético consiste em uma análise de processo. Ou seja, trata-se de uma apreciação das etapas que possibilitam o surgimento de determinado produto final, seja este um livro, uma peça, uma pintura, ou mesmo, a capa de um jornal. Analisa também os fatores que influenciam direta e indiretamente as escolhas durante o processo de criação. Segundo Cecília Almeida Salles:

No contato com diferentes percursos criativos, percebe-se que a produção de uma obra é uma trama complexa de propósitos e buscas: problemas, hipóteses, testagens, soluções, encontros e desencontros. Portanto, longe de linearidades, o que se percebe é uma rede de tendências que se inter-relacionam. (...) A tendência de um processo é o objeto de estudos de caso, nos quais o propósito da análise é acompanhar e compreender os mecanismos criativos utilizados por um artista específico, para a produção de uma determinada obra (SALLES, 1998, p. 36 a 37).

Haverá, inicialmente, uma breve explicação da metodologia empregada para análise do material coletado, suas diretrizes, definições e de que forma isso foi trabalhado ao longo da pesquisa.

Para compreender de maneira organizada essas modificações, visuais e verbais, serão apresentadas as noções de *lead*, sua utilização ao longo da história do jornalismo e



os principais modelos adotados. Posteriormente, serão apresentadas as capas coletadas e as diferentes utilizações do *lead*. Entram em cena elementos como: títulos, subtítulos, antetítulos, legendas, infográficos, chamadas, entre outros. Após essa análise textual, haverá uma análise da disposição gráfica dos elementos visuais, objetivando identificar uma possível capa-cartaz.

Esse tipo de análise permitiu compreender a evolução textual e gráfica dos jornais impressos, em nível regional, no ano de 2006. Poderá ser útil para outros pesquisadores como referência bibliográfica na área de Comunicação e Jornalismo Impresso, mais especificamente. Além disso, a Crítica Genética já vem sendo trabalhada na pós-graduação, em diversas instituições brasileiras. Isso permite dizer que o desenvolvimento de um trabalho de iniciação científica que utiliza essa metodologia aproxima os estudantes de graduação da realidade vivenciada em uma pós-graduação. Dessa forma, estimula-se a migração acadêmica para um nível mais elevado de formação científica.

2 A CRÍTICA GENÉTICA

As obras de arte, ou outros produtos que envolvem a criação, são observadas e compreendidas como frutos de uma grande imaginação, ou de uma criatividade extra-humana. Essa quase divinização das obras acaba deixando de lado uma realidade inerente a todas elas: a de que não são criações espontâneas e sim fruto de um processo de escolhas, decisões, eliminações e muito trabalho.

A Crítica Genética surgiu na França em 1968, quando Louis Hay, do *Centre National de Recherche Scientifique* (CNRS), reuniu uma equipe de pesquisadores para estudar os manuscritos do poeta alemão Heinrich Heine. Alguns anos mais tarde, mais precisamente em 1985, a Crítica Genética chegou ao Brasil, com o professor Philippe Willemart, no I Colóquio de Crítica Textual.

Essa prática, inicialmente, ficava restrita a análises de produções literárias. Com o tempo foi se expandindo para outras formas de expressão artística. O Centro de Estudos de Crítica Genética da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo contribuiu bastante para essa expansão, porque recebia alunos de formações diferentes e interesses diversos.

Hoje a Crítica Genética pode ser utilizada para analisar textos literários, esculturas, pinturas, filmes, documentários, e muitas outras produções. Assim, pode



abranger objetos artísticos ou mesmo de produção midiática, tais como são os jornais impressos. O estudo do processo de produção pode, então, ser utilizado para a análise de um jornal impresso, que é o que norteia esta pesquisa.

A Crítica Genética consiste na análise do processo percorrido pelo artista ou pelo produtor para chegar a determinado produto final. Visa traçar, catalogar e compreender as escolhas e as eliminações, as modificações sofridas pelo objeto ao longo de sua criação e de seu aperfeiçoamento. Deve-se deixar claro que o processo criativo é sempre visto como uma construção inacabada, pois, poderia sofrer modificações sempre que seu autor assim o decidir. Segundo Cecília Almeida Salles:

O olhar genético vai além da mera observação curiosa que esses documentos podem aguçar: um voyeur que entra no espaço privado da criação. O crítico genético narra as histórias das criações. Os vestígios deixados por artistas oferecem meios para captar fragmentos do funcionamento do pensamento criativo. Uma seqüência de gestos advindos da mão criadora e experienciados, de forma concreta, pelo crítico. Gestos se repetem e deixam aflorar teorias sobre o fazer (SALLES, 1998, p. 19).

Diversos são os fatores que influenciam as tomadas de decisões, e que, portanto, estão diretamente ligados ao produto final. Ao longo do percurso criador o artista testa as possibilidades, levanta hipóteses, podendo ser confirmadas ou não. Mas é inegável que se trata de um processo contínuo, que não necessariamente segue uma linearidade.

Ao longo da criação, o artista vivencia experiências que ele poderá ou não agregar à produção da obra. De acordo com Cecília Almeida Salles: “É o diálogo do artista com ele mesmo, que age, nesse instante, como o primeiro receptor da obra” (SALLES, 1998, p. 43). Isso significa dizer que o autor é o primeiro crítico da criação.

A obra muitas vezes impõe leis próprias com as quais o artista terá que dialogar para achar um melhor caminho para a produção. No caso da diagramação de um jornal, por exemplo, nem sempre as cores que seriam utilizadas no projeto inicial permanecem no produto final, porque algumas vezes as formas utilizadas não permitem a harmonia entre determinadas cores, restando ao artista procurar uma alternativa para esse impasse.

Há ainda o diálogo do produtor com os receptores. A obra é feita para ser admirada. No caso de um jornal, é feito para ser lido e a diagramação é vital para atrair a atenção do leitor. Portanto, ao longo da criação de uma capa de jornal, por exemplo,



deve-se ter em mente o que agradará ao leitor, o que o faria comprar aquele jornal no lugar dos outros disponíveis na banca.

Na página impressa há uma multiplicidade de códigos organizados na estrutura que se convencionou chamar diagramação ou paginação, que torna possível criar diálogos complexos entre seus elementos. (...) O resultado dessa organização dos elementos gráficos na página impressa é uma simulação de tridimensionalidade que provoca reações físico-motoras no receptor (...) e outros diversos movimentos do olhar em perscrutação. (GUIMARÃES, 2003, p.68)

A criação é também interpretada enquanto um movimento tradutório. Ao longo do percurso criativo, o artista entra em contato com diferentes estímulos em linguagens diversificadas. São estímulos visuais, auditivos, verbais, que ele traduz para a realidade da obra que ele está produzindo. Esses códigos podem ser identificados nos resíduos de processo, nos quais estão registradas essas diferentes linguagens.

Na produção de um jornal impresso, isso pode ser visualizado da seguinte maneira. Após a produção da notícia, o editor revisa o material e leva os arquivos para a diagramação. Nesse momento, muitas vezes, torna-se necessário que sejam “cortadas” partes do texto, devido à insuficiência de espaço. Depois dessa primeira modificação, na qual é utilizado o próprio programa de diagramação (no caso de O Estado do Maranhão, o Quarker⁴), ocorre a primeira revisão. Essas modificações do primeiro revisor acontecem na impressão-modelo. Nesse momento, são utilizadas setas, riscos, círculos, e outros elementos visuais. Trata-se de uma outra linguagem agindo no momento de produção de um jornal impresso, e estas não estarão à vista no produto final.

Assim sendo, o trabalho do crítico genético começa exatamente com a organização do prototexto. Ele não se confunde com os diferentes documentos pertencentes aos diversos momentos do processo criativo. Trata-se da elaboração ou da organização crítica do dossiê do pesquisador. A reconstituição do que precedeu um texto (verbal e visual, no caso desta pesquisa sobre um jornal impresso).

Para que se chegue ao prototexto é necessário constituir um dossiê integral dos documentos disponíveis da obra em questão, reunindo e autenticando todo o material; organizar o dossiê dos documentos, obedecendo a uma finalidade: especificar, datar e classificar cada elemento desse dossiê e por fim, decifrar e transcrevê-lo.

⁴ Trata-se do software mais utilizado para diagramação profissional atualmente, competindo apenas com o *Indesign*. Este programa é utilizado por grandes jornais e revistas do mundo inteiro.



3 A MIGRAÇÃO DO *LEAD*

O *lead* é uma técnica norte-americana na qual o início do texto jornalístico deve responder as seis perguntas básicas (quem, o quê, quando, onde, como e por que). Não há uma data exata para o nascimento do *lead*. Alguns estudiosos defendem que no século XIX já é possível identificar alguns aspectos da técnica. Mas o *lead* foi consolidado nos Estados Unidos na década de 1950. O fator predominante para a adoção dele foram, primeiro a 2ª Guerra e, posteriormente, a Guerra Fria.

Na Segunda Guerra, jornalistas eram enviados para o *front* e passavam as informações através do telégrafo. Como havia muita interferência, informações importantíssimas se perdiam. Convencionou-se, então, que as primeiras informações a serem enviadas seriam as das seis perguntas básicas.

Logo que foi adotada no Brasil, nos anos 1950 e 1960, a pirâmide invertida (técnica de texto jornalístico onde as notícias são apresentadas em ordem decrescente: do fato de maior importância para o de menor) tornou-se sinônimo de modernidade, e o *lead* passou a ser implicitamente obrigatório no primeiro parágrafo da matéria. Depois, várias combinações possíveis para a apresentação dessas informações surgiram. Além disso, existem outras maneiras de iniciar o texto jornalístico que foge da elaboração tradicional do *lead*, exposta anteriormente. Para Jorge Pedro Sousa:

Lead em inglês significa guiar, conduzir, levar, indicar o caminho, orientar, ir à frente, ir na primeira posição, ir em primeiro lugar, sugerir, indicar, etc. Portanto, o *lead* é o parágrafo que lidera e orienta, o parágrafo que sugere e indica. Isto significa que o *lead* é, em primeiro lugar, o parágrafo que introduz o tema da peça e, em segundo lugar, o parágrafo que dá o tom ao resto da peça, principalmente quando não existe entrada (SOUSA, 2001, p. 161).

O *lead*, paulatinamente, migrou da parte interna dos jornais para um lugar de destaque: a capa. Na verdade, as informações que compõem o *lead* poderão ser identificadas em elementos que compõem a capa, tais como: títulos, subtítulos, antetítulos, legendas das imagens, infográficos, etc.

No jornal O Estado do Maranhão isso pode ser facilmente identificado. As mesmas informações são utilizadas para compor os elementos da capa o que difere do *lead* é a ordem na qual são organizadas. Isso pode ser observado nas capas selecionadas, que são dos dias 02 de janeiro, 23 de fevereiro, 01 de março, 27 de abril, 11 de maio, 02



de junho, 16 de julho, 12 de agosto, 18 de setembro, 25 e 30 de outubro, 07 de novembro e 04 de dezembro (do ano de 2006). No mês de outubro, foram selecionadas duas capas porque elas podem ser descritas como capas-cartaz, as demais apenas se aproximam desse modelo de design gráfico.

Para demonstrar a paulatina modificação que o texto jornalístico vem sofrendo nos últimos anos, com a migração do *lead* para a capa e a utilização mais frequente de *leads* criativos e diversificados, pode-se utilizar, como amostragem, duas capas dentre as selecionadas, a do dia 23 de fevereiro e a do dia 11 de maio.

A matéria, do dia 23, relata um possível rompimento de uma frente partidária organizada para disputar a sucessão estadual. A idéia de desentendimento interno pode ser identificada em três elementos da capa, no antetítulo (“RACHA”), no título (“Jackson e o PDT podem romper com a ‘frente’”) e na cabeça da matéria:

A frente idealizada pelo governador José Reinaldo para disputar a sucessão estadual está na iminência de ser implodida. O ex-prefeito Jackson Lago comunicou pessoalmente ao governador, durante uma conversa dura, que não aceita outra candidatura apoiada pelo governador, tese defendida por José Reinaldo. Segundo ele, se houver dois candidatos, o PDT seguirá seu caminho. A conversa entre o governador e o ex-prefeito gerou rumores imediatos de rompimento. A posição de Jackson foi reforçada pelo prefeito de São Luís, Tadeu Palácio (O Estado do Maranhão, 23/02/2006, p. 1).

As mesmas informações descritivas sobre o possível rompimento entre Jackson Lago e José Reinaldo Tavares que aparecem no título, antetítulo e cabeça da capa, surgem novamente no título da matéria (“Jackson Lago e PDT ameaçam implodir a ‘frente’ ‘reinaldista’”), na editoria de política na página 3, no subtítulo (“Ex-prefeito critica tese de segunda candidatura, mas governador mantém posição”) e no próprio *lead* da matéria, como pode ser observado a transcrição abaixo:

A frente partidária idealizada pelo governador José Reinaldo Tavares (PSB) para disputar o Governo do Estado está na iminência de implodir. O candidato do PDT ao governo, Jackson Lago, comunicou pessoalmente, anteontem, ao governador que o seu partido não aceitará outra candidatura apoiada pelo governo, tese defendida pelo próprio chefe do Executivo. Em uma dura conversa na casa do governador, Jackson Lago desabafou diante da “fritura” tácita do seu nome pelo grupo de José Reinaldo. E reclamou que o PDT está pronto a seguir seu caminho



se o governador insistir na tese da segunda candidatura (O Estado do Maranhão, 23/02/2006, p. 3).

Diferentemente desse modelo jornalístico, entraram-se matérias que superam a mera repetição das informações da capa. Nelas, as informações do *lead* migram para a capa, mas o *lead* é composto de maneira criativa na parte interna do jornal. Um bom exemplo disso é a capa do dia 11 de maio, na qual o início da matéria é composto de forma criativa, fugindo, assim, da mera repetição de informações já apresentadas na primeira página.

Na capa, o título (“São Luís vive dia de caos com greve de motoristas”), os subtítulos (“Grupo dissidente lidera paralisação de ônibus”; “TJ impede novo aumento das passagens na capital”; “População está revoltada com reajuste de tarifas”), e a “cabeça da matéria” dão as informações necessárias para o leitor. A “cabeça” foi escrita da seguinte maneira:

A greve de motoristas e cobradores de ônibus deixou São Luís em estado caótico durante todo o dia de ontem. Pegos de surpresa, os passageiros foram obrigados a descer dos coletivos. Revoltados, alguns deles depredaram os veículos quebrando vidros. Motoristas em greve também danificaram os ônibus, furando pneus para mantê-los parados. A paralisação foi motivada por uma disputa interna pelo comando do sindicato da categoria. Os manifestantes foram em passeata até a sede da entidade, que estava protegida pela Polícia Militar. Houve confronto e algumas pessoas foram presas. A manifestação continuou durante a noite. A informação era que hoje os ônibus circulariam novamente. E ontem o Tribunal de Justiça impediu mais um aumento das passagens na capital (O Estado do Maranhão, 11/05/2006, p. 1).

Já na matéria, encontrou-se no *lead* uma descrição do ambiente e das conseqüências da paralisação, como se pode observar:

Milhares de usuários andando a pé, vários ônibus quebrados, pneus furados, troca de acusações, quatro pessoas presas, confronto com a polícia e muita confusão durante o dia. Esse foi o saldo da paralisação de aproximadamente 90% dos motoristas e cobradores do sistema de transporte coletivo, ocorrida ontem, que durou praticamente o dia inteiro por conta de uma briga de grupos dissidentes relacionada às eleições do Sindicato dos Trabalhadores em Transporte Rodoviário de São Luís, ocorrida em fevereiro (vide entenda o caso) (O Estado do Maranhão, 11/05/2006, p. 3).



Em *O Imparcial*, observou-se o esforço um pouco maior, ou pelo menos uma liberdade textual maior. Embora também haja características de repetição do *lead* na matéria interna, como em *O Estado do Maranhão*, foram identificadas mais matérias sem a repetição do *lead*.

Nas edições de 23 de janeiro, 12 de fevereiro, 16 de março, 9 de maio, 12 de julho, 11 de agosto, 6 de setembro e 3 de outubro o *lead* é repetido no primeiro parágrafo da matéria interna, porém, reformulado numa tentativa de afastá-lo. A edição de 12 de julho exemplifica esta constatação. A cabeça foi construída da seguinte maneira:

A Controladoria Geral da União (CGU) enviou à CPMI do Congresso Nacional, que investiga fraudes na compra de ambulâncias a partir de emendas ao Orçamento da União – a CPMI das Sanguessugas –, comprovação de irregularidades nos municípios de Jatobá, Bernardo do Mearim e Urbano Santos. A fiscalização da CGU constatou ainda irregularidades que alcançam R\$832,7 mil nos municípios de Jatobá e Bernardo do Mearim.

No início da matéria interna a primeira frase já não é a resposta a um dos elementos do *lead*. E sim a aproximação de um texto mais narrativo e menos factual. Ainda que esse empenho seja identificado, o resto do primeiro parágrafo repete o *lead* reformulado:

Os tentáculos da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI), do Congresso Nacional, que investiga fraudes na compra de ambulâncias a partir de emendas ao orçamento da união, atingiram três cidades maranhenses. Urbano Santos, Jatobá e Bernardo do Mearim integram lista da Controladoria Geral da União (CGU) entregue aos parlamentares da CPMI das Sanguessugas no dia 20 de junho.

Em 2006, três matérias sem a repetição do *lead* foram selecionadas nas edições de 27 de abril, 15 de novembro e 12 de dezembro. A edição que melhor descreve a abertura criativa sem a obrigatoriedade do uso da pirâmide invertida é a de 27 de abril. Na cabeça, localizada na capa do jornal, o *lead* foi respondido tradicionalmente:

“O mototaxista, Valdimar Lindoso Ferreira, 34, armado com uma pistola e silenciador, bateu à porta da casa de esposa, no Retiro Natal, às 3h da madrugada de ontem, para iniciar uma carnificina inigualável. Matou a ex-mulher e o filho de seis anos de idade. Seguiu para a casa dos sogros, matando-os, e depois foi até a residência da cunhada, cometendo o quinto assassinato. Todos os Inocentes eram ligados à Igreja Testemunhas



de Jeová. O delegado José Antônio Sobrinho não suportou a cena e chorou quando chegou ao local do crime. Sem demonstrar arrependimento, Valdimar foi preso quando chegava ao Socorrão II. Levado para a delegacia, parecia que nada houvera cometido de monstruoso.”

Livre das amarras do *lead*, o jornalista optou por descrever a situação. Onde, através da coleta de impressões e descrições de vizinhos e testemunhas, pôde reconstruir os momentos que precederam o crime:

Três horas da madrugada. O silêncio profundo que dominava o Retiro Natal, bairro encravado entre o Monte Castelo e o Bairro de Fátima, foi interrompido primeiramente por oito estampidos de arma de fogo. Logo em seguida, mais oito tiros irromperam a madrugada fria. Gritos de pessoas e latidos dos cães vadios acabaram de despertar o bairro. Acabara de acontecer uma barbárie, talvez o maior de São Luís, nos últimos anos, num gesto treloucado de um homem, que não poupou nem mesmo o filho, de apenas seis anos, que dormia placidamente.

Embora as reformulações gráfica e editorial do Correio Braziliense tenham inspirado em grande proporção as transformações na diagramação e no texto de O Imparcial, ainda que se observe a tentativa de uma redação mais criativa e menos árida, a tradição e a seriedade são características que acompanham esse periódico desde sua fundação, há mais de 80 anos. Porém, o novo paradigma, onde o *lead* ganha as primeiras páginas e primeiros elementos da notícia para dar mais espaço à criatividade discursiva, desperta interesse significativo nos recém-formados jornalistas, encaminhando O Estado do Maranhão e O Imparcial para a consolidação de um novo modelo textual, liberto da pirâmide invertida.

4 O DESIGN GRÁFICO

Entre o final da década de 1950 e os primeiros anos da década de 1960, os jornais impressos iniciaram um processo de modernização. A época era propícia às inovações. Abalizados em influências americanas, os diários brasileiros começaram suas reformas textuais, com a implantação da técnica da pirâmide invertida, o *lead*, em casamento com as aclamadas reformulações gráfico-visuais.

Seguindo as tendências americanas, na década de 1980, os brasileiros começaram a utilizar cores nos jornais. Na mesma época as redações nos grandes centros urbanos



experimentavam as facilidades da informatização. Mas foi na década de 1990, que os diários brasileiros consolidaram a readaptação do espaço imagético:

Os anos 1990 marcam em definitivo a informatização das redações, que no caso brasileiro já vinham ocorrendo desde a década anterior nos grandes centros urbanos. Dessa forma, aumentam as possibilidades de utilizar recursos gráfico-visuais, e os jornais se tornam, pelo menos no que tange ao uso das cores, cada vez mais parecidos com as revistas e a televisão, incluindo-se os mais conservadores nos novos padrões de apresentação visual... (FERREIRA JUNIOR, 2003, p.78)

Em O Imparcial, a reformulação gráfica mais importante deu-se no ano de 1996 com a aquisição de impressoras em policromia (sistema de impressão que usa quatro cores, o CMYK: ciano, magenta, amarelo e preto).

Analizou-se para este trabalho a apresentação visual das capas de O Imparcial dez anos depois desta importante reforma gráfica, no ano de 2006. A característica principal do novo projeto gráfico de O Imparcial é a significativa utilização da capa-cartaz.

Em 2006, observou-se a imponente utilização dos espaços em branco na primeira página de O Imparcial, que, segundo as teorias do design gráfico, dinamizam a leitura. Das doze capas selecionadas neste ano, apenas a da edição de 6 de setembro se afasta um pouco da capa-cartaz impactante, porém, apresenta apenas três elementos gráficos ao longo da página. Um número relativamente pequeno para um jornal que há dez anos apresentava em média sete a nove elementos visuais⁵.

Todas as outras contam com uma, ou no máximo, duas formas predominantes referendadas por uma grande foto. Como na edição de 10 de outubro de 2006 de O Imparcial.

Ao longo de dez anos de experimentações, o *layout* básico da capa do diário mais antigo da capital maranhense ficou definido da seguinte forma: nome do impresso em preto, em fonte elaborada especialmente para O Imparcial; a utilização de chamadas para os cadernos internos logo abaixo dos nomes do jornal ou faixas coloridas também chamando atenção para o conteúdo interno (não necessariamente esse elemento é usado em todas as edições); colunas verticais com suítes (resumo das matérias mais importantes); e um, ou dois elementos gráficos que tomam conta do espaço visual

⁵ “Os elementos visuais constituem a substância básica daquilo que vemos, e seu número é reduzido: o ponto, a linha, a forma, a direção, o tom, a cor, a textura, a escala, a dimensão e o movimento.” Donis A. Dondis em *Sintaxe da linguagem Visual*. (1997)



(geralmente uma grande foto, acompanhada de um quadro colorido preenchido com o conteúdo que o editor decidir juntamente ao diagramador).

Percebeu-se que O Imparcial não hesitou em acompanhar o Correio Braziliense, “o cabeça de rede” dos Diários Associados. Eliminou o excesso de colunas e fios (as linhas) conseguindo “limpar” a primeira página; prefere investir na notícia do dia, utilizando freqüentemente a capa-cartaz e apresenta uma diminuição significativa do número de manchetes na primeira página.

Enquanto isso, em O Estado do Maranhão a utilização de capas-cartaz foi mais tímida. No ano de 2006, podem-se destacar duas capa que se aproximam bastante do modelo já citado, dos dias 27 de fevereiro e 1º de março, ambas tratando sobre a mesma temática, o Carnaval. Nesses dois exemplares pode-se observar a utilização de imagens superdimensionadas, bem como o uso de mais de uma imagem para representar a mesma chamada de capa. Na capa do dia 1º de março, por exemplo, foram utilizadas seis imagens. Além disso, foram observadas nessas capas, o uso de títulos curtos (“Folia que contagiou São Luís” e “É pura alegria!”), mas, de forte impacto, sendo essa característica ressaltada pelo tamanho das letras. O que as diferencia das capas-cartaz é o fato da capa trazer também outras chamadas na sua parte inferior, que tiram um pouco a atenção do leitor da matéria principal.

As duas capas-cartaz verdadeiras são as dos dias 25 de outubro, cujo título é “Multidão aclama Lula e Roseana em comício histórico em Timon”, e do dia 30 de outubro, cujo título é “Lula é reeleito; Jackson é eleito o novo governador”. Ambas possuem um dimensionamento diferenciado das demais capas do jornal. As imagens aparecem maiores e são utilizados outros elementos como “olhos”, também em tamanhos significativos. Nelas, apenas as chamadas principais chamam atenção do leitor, relegando os outros elementos de capa para o segundo plano. Os “olhos” da capa do dia 25 traziam os seguintes dizeres: “Vamos fazer uma revolução democrática neste país. E para que eu tenha mais força e fazer essa transformação eu queria pedir a vocês: quem votar em mim, por favor, vote em Roseana para governadora do Maranhão”, Luíz Inácio Lula da Silva; e “Apesar de todas as pressões do meu partido, votarei no presidente Lula porque sou uma mulher decidida e porque ele é o melhor para o Maranhão e para o Brasil”, Roseana Sarney.



5 CONCLUSÕES

Os dois principais jornais maranhenses, O Estado do Maranhão e O Imparcial, já utilizam o recurso gráfico da capa-cartaz. O primeiro manifestou isso de forma mais tímida no ano de 2006, sendo identificadas apenas quatro exemplares, sendo dois apenas aproximados do modelo em questão. Já o segundo, utilizou-a de forma bastante expressiva. Isso evidencia uma maior sobriedade no jornal O Estado do Maranhão e uma flexibilidade gráfica mais latente em O Imparcial.

Com relação à migração do *lead* para capa e paulatina modificação do *lead* usual na parte interna do jornal, os dois jornais apresentaram essas características nas edições do ano de 2006. Isso sinaliza a formação de um novo modelo jornalístico, no qual os jornais adotarão de forma cada vez mais freqüente um *lead* diferenciado, que fugirá do modelo convencional.

Referências bibliográficas

- DONDIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual**. Tradução Jefferrson Luiz Camargo. 2ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- FERREIRA JUNIOR, José. **Capas de jornal: a primeira imagem e o espaço gráfico-visual**. São Paulo: SENAC-SP, 2003.
- GUIMARÃES, Luciano. **As cores na mídia: a organização da cor-informação no jornalismo**. São Paulo: Annablume, 2003.
- SALLES, Cecília Almeida. **Crítica genética**. 2. ed. São Paulo: Educ, 2000.
- SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de jornalismo impresso**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2005.
- VILLAS-BOAS, André. **O que é [e o que nunca foi] design gráfico**. Rio de Janeiro: 2AB.